

# António Gedeão – Poema do adeus

Exigem novas leis que os olhos não se alegrem  
quando as folhas das árvores lhes acenam;  
quando o lagarto ao Sol o erótico pescoço,  
erecto e circulante  
como um radar,  
transforma as ondas mansas  
em lúbricas tensões.

Não mais murmúrios de águas nem aromas de pinhos  
que os ouvidos antigos recolham  
e os narizes hauriam sequiosos  
como exaustores de fumos;  
não mais abrir os olhos e fechá-los  
sob a língua da luz lambendo morna  
o convexo das pálpebras;  
não mais levitação do corpo no silêncio,  
o porte da doninha na iminência  
do que nunca acontece.

Pois que sejam meus olhos que ao fecharem-se  
levem consigo a imagem derradeira  
da fragrância poética do mundo;  
que em meu rosto bafeje o ultimo hálito  
das magas transparências inventadas;  
que nele roce a última das aves,  
de benévolas asas estendidas  
que em construídos céus nos redimiram  
da frágil condição de ser humano;  
que as últimas mensagens  
dos emissores piratas, clandestinos algures  
no fundo dos cristais,  
no pistilo das flores,  
nas escamas dos peixes,

encontrem meus ouvidos.

Que a terra me seja leve.

**António Gedeão, Poemas póstumos**